



CAMINHO DA ÍNDIA

Casais brasileiros atravessam o mundo para contratar barrigas de aluguel em clínicas indianas. É legal, mais barato e quase sem vínculos com as mães alternativas

THAÍS BOTELHO

Até que ponto alguém pode ir para conseguir ter um filho? Quem nunca passou pelo sentimento consumidor da maternidade ou da paternidade frustradas dificilmente consegue responder com precisão. Para quem vive ou já viveu isso, a resposta provavelmente é: até os lugares mais distantes. Inclusive viajar para a Índia, assi-

nar um contrato com uma mulher desconhecida que se compromete a gerar seu filho, passar pelos procedimentos da fertilização artificial, acompanhar a gravidez a distância e voltar ao país no final dela. O sonhado bebezinho no colo é a recompensa do processo quase épico.

A prática de barriga de aluguel é regulamentada na Índia desde 2002. Por causa da grande procura de casais homossexuais, de solteiros e de clientes

**GERAÇÃO
POUCO
ESPONTÂNEA**



Por ser uma situação relativamente nova, a contratação de mães de aluguel é tratada de formas bem diferentes. Uma comparação entre Brasil, Estados Unidos e Índia mostra como nesse último país as normas são mais flexíveis e os custos, menores





FOTOS CRISTIANO MARIZ

MANTENHA DISTÂNCIA

Ivonete e Pedro, com os filhos Marcelo e Pedro, celebram a caçula: “Com a mãe de aluguel longe, não haverá interferência na criação da Estela”

provenientes de países como França ou Inglaterra, onde ela é proibida, a Índia virou o principal destino de turismo reprodutivo do mundo. Um caminho que casais brasileiros estão começando a descobrir. Segundo a Embaixada do Brasil na Índia, quinze bebês foram gerados de mães de aluguel indianas para cidadãos nacionais neste ano. O médico israelense Dror Yona e a psicopedagoga catarinense Tânia fazem parte desse grupo. Voltaram de Nova Délhi em setembro com três filhinhas nos braços. As crianças foram geradas por duas mulheres. Tânia já tinha dois filhos do primeiro casamento e, com Dror, enfrentou um aborto, uma gravidez tubária e três anos de tentativas de fertilização *in vitro*. No começo do ano, ela e o marido ouviram falar das barrigas indianas. Emocionados, pediram o visto de entrada na Índia no dia seguinte. As

gêmeas Suri e Maya nasceram no dia 4 de setembro, e Noah, no dia 7. “Tivemos uma sensação estranha ao recebê-las. Parecia que não eram nossas. Os sentimentos de sermos os pais vieram dias depois, quando fomos para o hotel com elas”, descreve o pai. As duas gestações custaram 100 000 dólares.

Há na Índia cerca de 1 500 clínicas especializadas nesse tipo de processo. O grande incentivo ao estudo da medicina, o ambiente jurídico flexível e a procura local (por meninos) favorecem a atividade. Os pacotes custam a partir de 20 000 dólares, e nesse preço estão incluídos quatro tentativas de fertilização *in vitro*; implantação do embrião, formado por material genético dos pais biológicos ou com óvulo proveniente de uma mulher não envolvida, no útero de aluguel; estada, parto e pagamento da gestante; assistência jurídica para a retirada das cer-

DOSE TRIPLA Dror e Tânia, com as três bebezinhas geradas na Índia, e Tiago e Bárbara, filhos do primeiro casamento dela: opção depois de várias gestações frustradas

QUEM PODE ALUGAR A BARRIGA	QUANTO AS CLÍNICAS COBRAM	QUEM NÃO PODE CONTRATAR UMA BARRIGA	QUAL A SITUAÇÃO JURÍDICA DA MÃE DE ALUGUEL
Alguém da família ou uma amiga, desde que não receba para isso	Cada tentativa de inseminação artificial custa entre 15 000 e 20 000 reais	Qualquer pessoa pode pedir que uma mulher “empreste” o útero	Ela pode entrar na Justiça pelo direito de ficar com o filho
Mulheres entre 21 e 35 anos que já tenham filhos	O pacote incluindo inseminação e o aluguel da barriga começa em 20 000 dólares	Casais homossexuais, solteiros e casais heterossexuais com menos de dois anos de casados	Não tem direito a nenhuma reivindicação
Varia em cada estado. Na Califórnia, o mais permissivo, a prática pode ser voluntária ou paga	A partir de 60 000 dólares	Na Califórnia, todos podem	Em todos os estados que aceitam barriga de aluguel, ela pode entrar na Justiça



MANSI THAPLIYAL/REUTERS

tidões de nascimento e saída do país. Além de duas temporadas em um hotel — a primeira, para a retirada de sêmen e óvulos, e a segunda, por ocasião do nascimento.

“O médico indiano disse que nós poderíamos assistir ao parto, mas recusei. Tenho problema no coração e sei que ficaria muito emocionada com a cena”, conta a agricultora Ivonete Bezerra, de Mato Grosso, que ganhou sua filha, Estela, em abril. Devido justamente à fragilidade cardíaca, Ivonete teria uma gravidez de risco e não queria “ficar cinco anos na fila” de adoção. Ela e o marido, Pedro, pai de três filhos do primeiro casamento, também cogitaram fazer uma barriga de aluguel no Brasil, mas desistiram. Aqui, a prática só é permitida se a mãe for parente ou amiga dos cônjuges e se não receber dinheiro por isso. Outro fator interferiu na decisão de Ivonete: “Com uma mãe de um lugar muito longe, não há risco de interferência na criação da Estela”.

O medo de que a “mãe por procuração” desenvolva uma relação afetiva com o filho é um dos principais motivos que levam casais a fazer o caminho da Índia. Além disso, o custo é no mínimo um terço do praticado nos Estados Unidos. “Os brasileiros pedem di-

cas de turismo e querem saber se as mulheres que venderam os óvulos para eles são bonitas. Para as mulheres inférteis, oferecemos essa possibilidade de compra de óvulos”, diz o obstetra Samit Sekhar, dono de uma clínica em Hyderabad que atendeu vinte casais brasileiros somente neste ano. “Apresentamos fotos das doadoras, e os pais escolhem as que têm a cor da pele, a dos olhos e as características físicas que preferem”, completa Sekhar.

A maior e mais conhecida clínica do ramo na Índia pertence à médica Nayna Patel. Atualmente, ela abriga cerca de 100 mães de aluguel. As mulheres passam os nove meses de gravidez morando lá, só podem ver o marido nos fins de semana, são proibidas de ter relações sexuais e recebem 8 000 dólares pelo trabalho. Atualmente, a clínica recebe em média cinco contatos por mês de famílias brasileiras. “Temos medicina de primeiro mundo aqui. Os críticos dizem que as mulheres ganham muito pouco. Porém, com esse dinheiro, elas conseguem comprar uma casa, pagar escola particular para os filhos e aumentar, em muito, a renda familiar”, diz a médica. No fim de 2012, houve uma reviravolta no setor. Uma diretrix do Ministério do Interior estabeleceu que não mais po-

PENSÃO COMPLETA

Clínica que abriga 100 mães de aluguel durante a gravidez: encontro semanal com o marido

dem contratar as barrigas de aluguel casais homossexuais, heterossexuais com menos de dois anos de casados e pessoas solteiras. “Tive trigêmeos e, por causa dessa mudança, quase não consigo tirá-los do país. Cheguei a ouvir que eles iriam para adoção”, diz o webmaster Jairo Carter, que é solteiro.

É difícil encontrar um médico brasileiro que chancela a prática. “A Índia não é um modelo de excelência em saúde pública. Há risco para os recém-nascidos”, diz Artur Dzik, diretor da Sociedade Brasileira de Reprodução Humana. “Não sabemos como os procedimentos de fertilização são operados”, afirma Eduardo Motta, da clínica Huntington Medicina Reprodutiva. O desconforto ético e existencial diante de uma prática que a humanidade conhece há apenas poucas décadas também pesa. “Não diria que a visita a uma clínica indiana é alegre e que não é estranho assinar contrato. É um esmagamento emocional, só recompensado quando vemos o bebê”, diz a massoterapeuta Dulcilene Riopel, mãe de Sofia, de 5 meses. ■